

Protesto massivo na Sérvia e uma tentativa de desmobilização liderada pelo Estado

Fonte: [Left East](#) | 13/07/2020 | Tradução: Charles Rosa

Nota dos editores do LeftEast: Este artigo foi publicado [originalmente](#) em Dversia em 10/07/2020.

“Gás lacrimogêneo, balas de borracha e cassetetes contra jovens desarmados! Pai, isto é por você que morreu e não havia respirador! (...) Isto é por você e pelo meu filho recém-nascido! Não havia respiradores no hospital Zemun enquanto eles (a Equipa Nacional de Crises) falavam em dar respiradores como presentes a outros. Pai, isto é por você! Eu sei que você ficaria orgulhoso.”

Esta é uma declaração dada por um dos manifestantes a um jornalista da TV N1 durante a primeira noite das mobilizações de massas que tiveram lugar em Belgrado em 7 de Julho. A maioria dos meios de comunicação social estrangeiros descreveu o protesto na Sérvia como uma rebelião contra a reimplementação da quarentena da Covid-19, mas esta declaração comunica claramente algo mais.

O toque de recolher obrigatório foi apenas uma causa imediata para os protestos e a última gota que transbordou o copo de descontentamento que vem se acumulando há anos entre aqueles que optaram por não votar em Aleksandar Vučić nas eleições realizadas em Junho (54,5 % do corpo eleitoral sérvio). A decisão do presidente sérvio de voltar atrás com o toque de recolher obrigatório pelo Covid-19 após o primeiro dia de descontentamento não impediu as pessoas de saírem às ruas.

Este protesto é contra o regime de Aleksandar Vučić e o seu Partido Progressista Sérvio (filiado ao Partido Popular Europeu, centro-direita), contra a má gestão da crise da Covid-19 pelo Estado, o encobrimento de cadáveres para fins eleitorais, incluindo a culpa atribuída às pessoas pela propagação acelerada do vírus. Os protestos começaram como uma expressão espontânea de indignação, mas em breve se tornariam um pretexto para a desmobilização violenta liderada pelo Estado.

O regime Vučić: Covid e punição

O regime de Aleksandar Vučić e a máquina do Partido Progressista Sérvio conseguiram privatizar quase que completamente as instituições estatais, municipais e públicas em seu próprio benefício, começando em 2014 quando Vučić se tornou primeiro-ministro pela primeira vez. Nos anos seguintes, muitas pessoas deixaram a Sérvia em busca de trabalho e melhores condições de vida. As vidas daqueles que permanecem na Sérvia são instrumentalizadas pelo Partido Progressista.

Por exemplo, o emprego na Sérvia está ligado a uma filiação ao Partido Progressista. Aqueles que conseguem arranjar emprego através da filiação partidária são obrigados a “doar” uma percentagem dos seus rendimentos ao partido. Com chantagem e privilégios prometidos, o partido está também recrutando replicadores de discurso; os chamados *bots* que se dedicam regularmente a discussões em redes sociais.

Desde que o Vučić chegou ao poder, tudo na Sérvia vem se degradando ainda mais, incluindo os sistemas de segurança social, cuidados de saúde, direitos dos trabalhadores, salários, gestão pública, espaços públicos, direitos das mulheres e das minorias. As pessoas estão perdendo suas casas graças às dívidas, muitos têm os seus rendimentos bloqueados, e um número crescente de pessoas tem sido forçado a viver sem bens básicos como a eletricidade e o aquecimento.

Incapazes de confiar nos cuidados de saúde públicos, cada vez mais pessoas doentes são forçadas a financiar os seus custos médicos através de SMS e campanhas humanitárias em linha. A crise do coronavírus amplificou ainda mais as injustiças que já existiam.

Em Março de 2020, após um breve período ridicularizando o vírus, Vučić dissolveu o parlamento e declarou o estado de emergência. Isto permitiu-lhe assumir a posição do único responsável pela gestão da crise e construir uma imagem de si próprio como o salvador da nação.

Utilizou os meios de comunicação para retratar as pessoas como sendo indivíduos irresponsáveis e imaturos a quem se pode culpar por tudo. Durante a pandemia, a vida foi organizada em duas partes: durante o dia sem restrições e durante a noite com total proibição de movimento. O toque de recolher obrigatório da polícia foi por vezes prolongado para um fim de semana de 24 horas de bloqueio.

Os maiores de 65 anos não puderam sair das suas casas em momento algum. A pena por desrespeito das medidas anti-epidêmicas foi de 1 300 euros ou algum tempo na prisão. Durante a pandemia, 200 000 pessoas perderam os seus empregos num país com menos de 7 milhões. O estado de emergência foi revogado em 7 de Maio, quando a pandemia foi declarada sob controle.

O novo "Covid-regime" destinava-se a estabelecer as condições para as próximas eleições parlamentares e procedimentos de votação. Enquanto Vučić se preparava para as eleições, as fissuras no sistema de saúde e o abandono das infra-estruturas de saúde por parte do Estado tornaram-se ainda mais óbvios do que antes. As pessoas estavam morrendo em maior número. A fim de encobrir esta situação, o Vučić começou a manipular o número de mortes e os casos recentemente infectados no país.

Vučić utilizou todas as capacidades disponíveis para as

eleições, sem oposição real para o confrontar e com a velha oposição boicotando as eleições. No dia das urnas, 21 de Junho, numa mesa de votação, os jornalistas ficaram surpreendidos ao ver um grande número de eleitores já de manhã cedo. Enquanto conversavam com a multidão reunida, verificou-se que se tratava de pacientes que vieram à policlínica para Covid, e não de eleitores. Após o triunfo nas eleições, Vučić mudou mais uma vez a sua narrativa. As pessoas “Irresponsáveis” foram mais uma vez culpadas pela situação. Pela sua “leviandade”, tiveram de ser punidos por outra rodada de confinamento obrigatório.

Protestos espontâneos e uma tentativa de desmobilização violenta

Não há dúvida de que os protestos começaram espontaneamente. As pessoas ficaram frustradas devido à informação contraditória que lhes foi fornecida; porque estavam sendo injustamente acusadas de algo que não era da sua responsabilidade, mas da responsabilidade dos que estavam no poder; devido à falta de respiradores, enquanto Vučić afirmava arrogantemente que a Sérvia tinha mais do que precisava; porque a situação nos dormitórios onde os estudantes já se tinham mudado e estavam prestes a ser enviados para casa pela segunda vez; porque não havia testes suficientes disponíveis para o Covid-19 e porque as pessoas estavam ficando doentes nos corredores dos hospitais enquanto o pessoal médico gritava com eles; devido ao colapso dos sistemas sociais e de saúde e à fabricação da verdade.

As pessoas começaram a se reunir espontaneamente em frente à Assembleia Nacional. Havia pessoas idosas, estudantes, famílias com crianças pequenas. Havia simpatizantes e ativistas dos opositores *Alliance for Serbia*, *Don't Let Belgrade Drown*, ativistas da *Roof* (organização anti-despejo), da Nova União Social Democrática, artistas e trabalhadores culturais, mas também grupos de alt-direita como as Patrulhas do Povo, Levijatan, bem como trabalhadores da Agência de

Segurança e Proteção Privada. Tudo começou pacificamente apenas para se transformar num violento confronto entre o povo e a polícia depois de um grupo de extrema-direita ter forçado a sua entrada no edifício do parlamento enquanto entoava canções nacionalistas. Isto aconteceu no primeiro dia do protesto por volta das 22 horas e depois de o grupo ter conseguido derrubar a porta de segurança. Neste momento Srđan Nogo – um antigo deputado do partido de extrema-direita Dveri, que foi expulso do partido por falta de disciplina – tentou impor-se como líder do protesto. É bem conhecido pela sua política anti-imigração e pela disseminação de teorias de conspiração sobre 5G. Este foi o momento em que o protesto foi dividido em dois grupos: aqueles cuja agenda era provocar a polícia a começar a agir contra a multidão, a fim de bloquear qualquer tentativa construtiva de articular exigências, e o restante de nós.

Após a polícia ter conseguido afastar o grupo de extrema-direita do edifício da Assembleia, os incidentes começaram a ter lugar um após o outro. Pessoas irritadas começaram a atirar pedras à polícia que, em resposta, respondeu disparando gás lacrimogêneo. Muitos saíram, mas grupos de jovens ficaram e confrontaram a polícia. Três viaturas da polícia foram incendiadas perto do parlamento. Mais tarde nessa noite, um agente da polícia reformado afixou um comentário no twitter alegando que os carros queimados são, de fato, modelos antigos que não são utilizados pelas forças policiais há muitos anos. Outros especularam que estes veículos foram trazidos para o local e queimados pela polícia civil para provocar um conflito. O jogo do gato e rato entre os manifestantes e a polícia continuou até altas horas da noite. O mesmo cenário repetiu-se no dia seguinte. A diferença foi que a resposta da polícia se tornou ainda mais severa e brutal. Além de cães, foi trazida a cavalaria da polícia, enquanto a polícia começou a usar balas de borracha para perseguir os manifestantes. Durante toda a noite, o centro da cidade estava cheio de gás lacrimogêneo, por vezes atirado diretamente para as multidões

de manifestantes. As imagens da brutalidade policial viajaram por todo o mundo nas redes sociais.

As mesmas cenas apareceram em Novi Sad. Ali, em 8 de Julho, os manifestantes leram as suas exigências que incluíam o aumento do emprego de pessoal médico, a recontração dos trabalhadores despedidos devido à pandemia, o anúncio do número real de pessoas infectadas e de mortes causadas pelo Covid-19, a redistribuição do orçamento previsto para a Igreja Ortodoxa Sérvia aos hospitais, e as demissões dos funcionários responsáveis pela crise. O protesto em Novi Sad foi organizado sob o lema “Se te derem uma cacetada, devolva-lhes uma revolução”! (*Ko tebe pendrekom-ti njega revolucijom*). Pouco depois do início do protesto, foram atiradas pedras ao edifício do município. Nos confrontos com a polícia Miran Pogačar da organização anti-despejo, a Roof, foi detido. Ficou algemado como muitos outros. O ativista da Roof ficará em custódia durante 48 horas, acusado de “incitar à violência e de se envolver em comportamentos violentos”. O Roof fez um comunicado:

“Miran nunca fez qualquer apelo à violência, nem se envolveu nos incêndios e pilhagens de edifícios da cidade que se seguiram. De fato, ele conduziu a marcha para longe dos grupos de provocadores e *hooligans* de direita criando caos, impedindo assim uma maior escalada de violência”.

Em 9 de Julho, vários ativistas e organizações de esquerda emitiram uma declaração pública na qual condenavam a violência policial. A Nova União Social Democrática condenou a violência provocada pela extrema-direita e justificou a cólera dos manifestantes:

“A violência organizada dos grupos de brutamontes impede que a raiva justificada do povo se exprima e se concretize. As pessoas estão zangadas devido ao governo irresponsável de Aleksandar Vučić, à sua negligência em relação às vidas humanas e à cínica culpa que ele colocou ao povo pela nova

propagação da infecção. Este cinismo é apoiado por vários grupos de direita que, em vez de procurarem os responsáveis pelo colapso do sistema de saúde pública, que seriam apoiados pela maioria dos manifestantes, preferem falar do imigrantes e do Kosovo, transformar o protesto num desfile de nacionalismo e teorias da conspiração, e colocar várias pessoas de reputação duvidosa à frente do protesto. Assim, estes grupos tornam-se os idiotas úteis para os bandidos e para a polícia, enquanto a raiva justificada das pessoas está sendo diluída e dissolvida pelas autoridades”.

Reivindicar o protesto?

Na noite de 9 de Julho, os primeiros a chegar diante do parlamento em Belgrado foram grupos de pessoas que estavam a segurar cartazes “Não seja manipulado! Senta!”. Os que já estavam sentados cantavam aos recém-chegados: ‘Senta, senta!”. Na transmissão ao vivo do *Don't let Belgrade Drown* pudemos ouvir pessoas analisando a situação, expressando a sua irritação por terem de protestar durante a propagação do Covid-19, bem como chamadas à ação contra um despejo de um edifício inteiro em Niš que em breve terá lugar devido à dívida não paga do investidor. O único conflito relatado pelos meios de comunicação social foi uma luta que se dividiu entre dois grupos representados como os “desordeiros” e os “manifestantes pacíficos”. Eventualmente, os grupos de alt-direita foram banidos do local principal do protesto, depois de terem começado a atirar latas aos pacificamente reunidos. A alt-direita perdeu esta batalha, mas não foi derrotada.

Nos dois primeiros dias os detentores do poder conseguiram manipular os protestos num espetáculo de violência parcialmente encenada, de modo a poderem desqualificar os manifestantes como extremistas e desmobilizar as multidões enfurecidas. A questão aqui não é ter de escolher entre táticas pacíficas ou violentas nos protestos, como alguns querem enquadrar, mas sobre quem tem controle sobre estas táticas e quais os interesses que estão sendo perseguidos,

como a Universidade Auto-organizada Svetozar Marković notou corretamente nos meios de comunicação social. A violência também é uma forma legítima de expressar a raiva contra a sistemática tortura econômica, física e psicológica a que as pessoas têm sido expostas, incluindo a violência contra os infiltrados racistas, impondo os seus narrativas enquanto acirram a situação.

No dia da redação deste artigo- 9 de Julho – parece que os “manifestantes pacíficos” recuperaram o protesto. No entanto, após dois dias de brutais confrontos com a polícia, resta-me perguntar se este será o triunfo dos manifestantes pacíficos ou o triunfo do governo que conseguiu pacificar o protesto. Será esta uma vitória da Sérvia (neo)liberal, “civilizada”, a mesma Sérvia que prometeu mudanças após a chamada revolução de 5 de Outubro de 2001, ou é o início de algo novo e diferente? Sei o que gostaria de ver: assembleias populares por todo o lado, todos reunidos para discutir a situação em causa e uma luta organizada que durasse. Uma luta em que não permitiremos mais colocar as nossas vidas nas mãos daqueles que semeiam política, economia e cultura de morte, uma luta em que venceremos. Estou certo de que nós, as pessoas que se opõem a Vučić e aos bandidos de direita, somos capazes de organizar reuniões e encontros de uma forma atenciosa, responsável e alegre que não nos exponha a nós e a outros ao vírus.

Ana Vilenica é uma pesquisadora urbana e cultural, teórica da arte e ativista da habitação da Sérvia.